



UNICAMP

P26.42

EVENTO: Centro Cultural na UNICAMP

VEÍCULO: Jornal da UNICAMP Nº 92

DATA: agosto de 1994

PÁGINA: 2

SEÇÃO: (não consta)



Um centro cultural da Unicamp em Campinas

José Roberto do Amaral Lapa

Quando, em julho de 1972, o professor Zeferino Vaz nos convidou para trabalhar na Unicamp, tendo em vista a formação de um grupo de ensino, estudo e pesquisa em História — que daria origem mais tarde, a partir das disciplinas pelas quais era então responsável, oferecidas ao Curso de Ciências Sociais, ao curso e ao Departamento de História — colocamos desde logo uma preocupação que nos assaltava e continua presente: a de efetivar de maneira permanente e ativa, a presença da Unicamp no centro da cidade. Em outras palavras, a construção do campus distante do perímetro urbano, na década de 60, fez com que para muitos, a Universidade permanecesse intimidadora e nem sempre atraente. A criação da Unicamp correspondia à aspiração da coletividade campineira, traduzida em movimento que mobilizou a cidade numa época em que as dificuldades de comunicação e transporte eram muito maiores que as de agora, em que há um fluxo diário de milhares de pessoas em direção à Cidade Universitária, sobretudo em busca de tratamento de saúde no Hospital das Clínicas. Entretanto, e apesar disso, parcelas significativas da população não conhecem a Cidade Universitária e provavelmente permanecerão sem conhecê-la, privando-se de incalculáveis benefícios que a Universidade oferece a partir dos seus cursos, pesquisas, experiências, técnicas e serviços, no geral de pequeno custo, quando não gratuitos.

A criação, na cidade, de um espaço cultural acessível conferiria a esses serviços uma extensão e um alcance que atuariam como fator multiplicador e de extensão do conhecimento nas ciências, letras e artes de uma Universidade que se pretende moderna e inovadora.

Com essa preocupação, levamos então ao professor Zeferino uma sugestão para que a Unicamp iniciasse gestões junto ao governo do Estado para conseguir o prédio da antiga sede da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, na avenida Campos Sales, onde se poderia criar um centro cultural, uma vez que estava sendo aos poucos ocupado por algumas repartições do Estado, sem ter ainda então definido o seu destino. Com a agilidade que o caracterizava, o fundador apostou na idéia e à nossa frente fez um contato telefônico inicial com o Palácio dos Campos Elíseos, então sede do Governo, para tratar do assunto. Sabemos que voltou outras vezes ao tema, dele não descuidando, sem lograr contudo

a concretização do projeto, por motivos que nos escapam.

Não abandonamos a idéia. Passados alguns anos, quando convidados a organizar o Centro de Memória-Unicamp (CMU) pelo então reitor José Aristodemo Pinotti, ao tomarmos posse no cargo de diretor do CMU, eleitos que tínhamos sido pelos colegas que integravam o grupo para tanto destinado, no ato solene de sua instalação, tivemos a oportunidade de entregar ao representante do Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico, Arquitetônico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephat), ali presente, um pedido feito pela Sociedade Febre Amarela. Esse pedido incluía o tombamento do prédio que pertencera à antiga indústria Lidgerwood de implementos agrícolas, objetivando justamente a sua utilização pelo Centro Cultural, que incluiria auditórios e galerias, oficinas, arquivo e biblioteca. O processo correu longo e acidentado, não dando oportunidade a que a Unicamp avançasse com seus entendimentos para tanto, o que nos levou então a cogitar do edifício da Escola Profissional Bento Quirino, construindo-se um novo prédio para o Cotuca no Campus, dado que se encontrava em péssimas instalações e deteriorado pelas especificidades do uso que lhe havia sido destinado, o magnífico prédio construído por Ramos de Azevedo, de cuja comissão de estudo do seu tombamento também participamos.

Com a nova mudança de reitor, voltamos com a velha idéia ao professor Paulo Renato, acenando inclusive uma segunda opção, pois conforme noticiário dos jornais da época o edifício sede da Puccamp, antigo solar do Barão de Itapura, tombado em 10 de dezembro de 1984, estava sendo cogitado para ser vendido ao Estado, que pretendia dar uma finalidade cultural a seu futuro uso, se a transação se efetivasse.

Para tanto, a previsão orçamentária para a Unicamp para o ano seguinte, se não nos falha a memória, reservou verba, mas a idéia não foi adiante tanto no que diz respeito ao prédio do Bento Quirino quanto ao da Puccamp. Quanto ao prédio da Lidgerwood, o reitor contactou o escritório da arquiteta Lina Bo Bardi, já falecida, para projetar algo semelhante ao que tinha sido feito por ela no Sesc Pompéia, em São Paulo, que por sua sugestão fomos visitar e observar.

À volta da idéia e do projeto houve boa cobertura da imprensa, porém mais uma vez a Unicamp acabou perdendo o referido prédio, por motivos que outra vez nos escapam. O edifício acabou ficando com a municipalidade, que nele criou o Museu da



José Roberto do Amaral Lapa é professor titular do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e coordenador do Centro de Memória.

Cidade, iniciativa digna de todo o apoio da comunidade.

A idade vai nos conferindo uma certa teimosia e voltamos então à carga, ainda na gestão Paulo Renato.

Abandonada, cenário das nossas andanças infantis, situado na Praça Mauá, de frente à avenida Barão de Itapura, a velha Estação Guanabara seria um local ideal para concretizar aquele sonho, a exemplo de outras cidades, onde velhas estações de estradas-de-ferro têm sido desativadas para ser usadas por manifestações e serviços culturais. Mais uma vez fomos bater à porta da Reitoria e mais uma vez fomos bem acolhidos, ao que se seguiu contatos que fizemos com o governo do Estado, que correspondeu com presteza e simpatia. A Fepasa, inclusive, ofereceu-nos na ocasião, mediante convênio, a custódia de seus arquivos históricos, já naquela época em condições longe de ideais em termos de preservação e consulta, no Museu que a ferrovia mantém em Jundiaí e que no caso viriam para Campinas, para constituir um Centro de Memória Ferroviária do Estado de São Paulo.

O prédio da Estação foi então cedido à Unicamp por 30 anos pela Fepasa. Mais uma vez o escritório de arquitetura de Lina Bo Bardi foi contratado, tendo feito um projeto arquitetônico que preservava a Estação e enriquecia o conjunto para o uso que se lhe pretendia dar, o que foi atentamente estudado, numa série de reuniões com o arquiteto Marcelo Carvalho Ferraz, das quais participaram os novos destinatários do prédio, com destaque para o Instituto de Artes e o Centro de Memória, ambos da Unicamp.

Mostrou-se que o projeto permitiria, pa-

ra diminuir o seu custo para a Universidade, uma composição com a iniciativa privada, que disporia, de espaços para serem explorados com atividades compatíveis com a cultura, de livrarias a restaurantes, de boutiques a cafés.

Ao mesmo tempo o projeto de Lina Bo Bardi, possivelmente um dos últimos que ela fez (1990) implicaria o reaproveitamento de uma área da cidade que se encontra deteriorada e cuja reurbanização disciplinaria o intenso avanço da comercialização que se irradia da avenida Barão de Itapura, já saturada, praticamente em todas as direções.

A localização interna, dependências e instalações que planejamos para a parte do Centro de Memória que ficaria na cidade, procurou de comum acordo com os arquitetos responsáveis pelo projeto colocar ao alcance da população a riqueza de seus acervos e a qualidade de seus serviços num ambiente que correspondesse à própria filosofia que Lina Bo Bardi tinha a respeito quando dizia: “Vejo a cultura como convívio, livre escolha, como liberdade de encontros e reuniões, gente de todas as idades, velhos, crianças se dando bem, todos juntos e não apenas como um depósito ou arquivo de obras humanas, mas como um convívio onde pudessem entrar ar puro e luz”.

Independentemente do charme que o projeto envolvia, teríamos que repensá-lo em algumas propostas possivelmente inviáveis pelo seu custo ou até incompatíveis com a dinâmica da cidade. Mas, de qualquer maneira, no seu conjunto mostrava-se plenamente capaz de revitalizar um pedaço do chão campineiro, onde se reclama a interação da cidade com sua Universidade.

Por fim, em 1994, uma nova oportunidade se insinua. Pouco antes de ser eleito, o professor José Martins Filho, atual reitor da Unicamp, mostrando a sua sensibilidade para com o problema da integração da Universidade com a comunidade, mandou-nos chamar para inteirar-se do projeto da Estação Guanabara. Tivemos então a oportunidade de expor-lhe as idéias centrais possíveis de serem recuperadas em sua execução.

Essa confluência de interesses se consolidou com a reestruturação da Pró-Reitoria de Extensão, agora voltada mais enfaticamente para os assuntos culturais, e com seu imediato envolvimento no projeto. Os entendimentos com a Fepasa foram retomados e o convênio está prestes a ser reativado. Essa a boa notícia que tínhamos a dar aos professores, funcionários e alunos da Unicamp — uma comunidade de 25 mil pessoas que, por direito e por dever, deve se colocar ainda mais próxima da coletividade urbana que a abriga há quase 28 anos, a cidade de Campinas.